

ALFAGUARA



---

# Tina Correia

## Essa Menina

*De Paris a Paripiranga*



Copyright © 2016 by Janete Correia de Melo Gois

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Ana C. Bahia

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

André Marinho

Rita Godoy

Mônica Santos

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Correia, Tina

Essa Menina : de Paris a Paripiranga / Tina Correia.

– Rio de Janeiro : Alfaguara, 2016.

ISBN 978-85-5652-003-6

1. Ficção brasileira. I. Título.

16-00368

CDD-869.3

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

[www.objetiva.com.br](http://www.objetiva.com.br)

Para

Carolina, Francisco e Rosa, meus netos, que despertaram em mim um amor intenso de um jeito que eu nem sabia que existia.

Antônio (Tonico) e Maria (Bia), meus filhos.  
Sem eles eu seria uma pessoa muito triste.

Ancelmo, responsável pelas figurinhas acima e incentivador do livro.

Ana Sofia, minha querida neta do coração.

Meus irmãos: Zezinho, Dada, Dida, Diu, Déu, Son, Jane, Veva, Mima, Babale e Vivi, minhas inspirações para muitas das histórias inventadas aqui.

Finalmente, Tonico, Marinete e Deca, meus pais e irmã que já se foram, mas continuam em minha lembrança.

---

Há algum tempo venho percebendo que as recordações começam a falhar. Os fatos do passado se embaralham e embaçam minha compreensão. Por isso, antes que sumam por completo, tomei coragem para reviver as histórias que povoaram minha infância e adolescência. Aqui, na cidade de Paris, onde vivo há mais de cinquenta anos, distante cerca de 7,5 mil quilômetros do bairro Paripiranga, decidi escrever o que aconteceu comigo até o dia de minha partida, no final de 1960, quando os tropeços com a realidade me obrigaram a entrar, sem volta, no mundo dos adultos.

Não que minha vida mereça um romance. Não. Eu vivi uma vida feijão com arroz, uma vida simplória, sem glamour, sem feitos nem confeitos. Não fui protagonista. Fui testemunha. Prometi para mim mesma que, se um dia descobrisse alguma lasca de talento, escreveria um livro contando minha história. Como o estalo de Vieira nunca se manifestou, cansei de esperar o surto de genialidade e resolvi simplesmente contar alguns fatos que presenciei ou ouvi.

Dispensei o computador porque o texto só ganhou fluência quando passei a escrevê-lo à mão. Descobri que, apesar da distância espacial e temporal, o bairro onde titia enterrou meu umbigo continuava vivo dentro de mim. Bastou iniciar o registro das primeiras reminiscências e me vi transportada para um tempo que ficou grudado nas bordas da lembrança. Então cavouquei ainda mais e raspei do tacho da memória histórias que eu nem sabia que havia guardado. Um assunto puxava outro e às vezes bastava uma palavra para os casos brotarem da raiz da minha cabeça. Algumas descrições talvez possam parecer “realismo mágico”, mas não são. Na minha terra, a realidade é mágica por si só.

Agora, já não sei mais o que é verdade: o que ouvi, o que vivi, o que inventei ou o que copiei. Porque a memória é traiçoeira e talvez tudo isso não passe de invencionice de criança.

---

## Olhinho de jabuticaba

No dia em que vim ao mundo, num bairro pobrezzinho de marré, marré, marré, a luz elétrica chegou à primeira casa da nossa rua. Até então, invejava-se o brilho das casas e dos postes iluminados pela eletricidade a algumas quadras dali. Enquanto a energia não chegava, candeeiros e fifós clareavam nossa escuridão.

Mamãe e duas vizinhas, grávidas, acordaram agitadas naquele dia. Não queriam perder um movimento dos preparativos da inauguração do palacete, mas na noite anterior, com as primeiras contrações, tiveram o pressentimento de que os filhos não tardariam a nascer, o que se confirmou. As filhas das vizinhas chegaram bem na hora da iluminação do jardim do palacete. Cerca de quatro horas depois cheguei eu, com a banda de música do Corpo de Bombeiros, que havia encerrado a festa da Casa dos Peixes tocando na minha porta. Vovô dizia que era para comemorar minha chegada e repetia sorridente a primeira impressão que teve ao me segurar:

— Eitcha, que essa menina nasceu uma coisinha de nada, magrinha, feinha, uma titica de gente, só pele e osso, meio branca, meio preta, meio índia. Assim, meio barro meio tijolo. Os olhinhos pretinhos espreitavam a gente que nem jabuticaba no pé.

Vivia contando, orgulhoso, minhas façanhas para os amigos. “Olha só o que essa menina faz. Essa menina já fala tudo. Essa menina já sabe engatinhar. Essa menina já sabe andar.”

De tanto ouvi-lo referir-se a mim como “essa menina”, deduzi que esse era o meu nome. Sempre que eu queria alguma coisa, dizia: “Essa Menina quer dormir. Essa Menina tá dodói”.

E o apelido pegou. Em casa, na rua, na escola, só me chamavam de Essa Menina. Mamãe e papai, durante muito tempo, ficaram conhecidos como Sua Mãe e Seu Pai. É que eu cresci ouvindo os adultos falarem “chame sua mãe”, “cadê seu pai?”... Concluí então que estes eram seus nomes. E era assim que eu os chamava:

— Sua Mãe, Essa Menina quer comer.

— Seu Pai, vovô tá chamando.

Desde a noite do meu nascimento, quando o palacete foi inaugurado, a rua da minha infância passou a ser conhecida como a rua dos Peixes. Titia e Vovó Grande já haviam encerrado a ajuda às recém-paridas, nossas vizinhas, quando as contrações de mamãe se amiudaram. Sozinha em casa, ela se contorcia e gritava por ajuda, mas sua voz era abafada pelos acordes da banda de música que saía do palacete.

Pegando-se com são Raimundo Nonato e Nossa Senhora do Parto, ela mesma tomou as primeiras providências: encheu várias panelas com água, colocou-as no fogão e assoprou as brasas. O esforço foi benéfico para o parto: a bolsa arrebentou e eu comecei a nascer. Foi aí que titia entrou no quarto (levada pela Providência Divina, dizia ela) e viu que eu já estava coroando. Como sempre fazia nessas situações, ela pôs embaixo do travesseiro de mamãe uma tesoura aberta para afastar a Bruxa da Morte, aquela que ronda os nascimentos dos bebês, e correu até a porta gritando pela parteira. Deu-se o maior alvoroço lá em casa. A Banda de Música tocando e a família quase toda reunida: vovô, Vovó Grande, titia, meus irmãos e a velha Iandara, prima de vovô. Só papai estava ausente.

Papai trabalhava na loja de tecidos de seu Isaac. Um misto de vendedor e representante. Viajava muito. Diziam que fazia as encomendas para o patrão. Ele voltava sempre com amostras de panos amarrados em formato de livro, além de alguns retalhos de seda, lã ou algodão para mamãe. Por ocasião de seus retornos, reunia os amigos à noite, para as famosas serestas. Eu demorei a entender suas ausências, que duravam dias, meses... Seu patrão, no entanto, jamais deixou de lhe

pagar. Titia recebia o pagamento todo mês e saía da loja com algum retalho embrulhado e o pacotinho de dinheiro escondido no califom.

Bem, quando a parteira chegou, eu já tinha nascido e mamãe havia até parido a placenta. Dona Tomásia só teve de cortar o cordão umbilical. Vovô Grande comemorou porque, no dia anterior, ao fazer um pequeno corte no coração da galinha e colocá-lo para cozinhar, o coração se abriu ao meio.

— Eu não disse? Minha adivinhação deu que era menina!

E no alto do céu, a lua cheia imperava toda branca na toalha negra furada de estrelinhas. Vovô dizia que, no momento em que cheguei a este mundo, lá pelas dez horas da noite, uma girândola iluminava a rua, encerrando a inauguração da Casa dos Peixes. Eu nasci empelicada, o que era bom presságio. Teria sorte na vida. Quando, meio desconfiada, abri os olhinhos, titia afirmou que eu sorri:

— As crianças demoravam uma semana para abrir os olhos. Você na mesma noite já observava tudo. Até sorriu. Parecia trazer esperança para nós todos. Nunca vi uma criança tão especulativa.

---

## Troquei de mal com Getúlio

A noite em que nasci foi de muita afobiação. Como de hábito, minha tia trouxe para dentro do quarto de mamãe uma telha, onde acendeu incenso, misturando-o às brasas de carvão. Pegou meu enxoval e girou as pecinhas na fumaça que subia da telha. Era para afastar mau-olhado e manter a roupa cheirosa. Foi ela também quem prendeu na minha roupa o primeiro esculapário e, na falta da minha avó materna, já falecida, amarrou na cabeça de mamãe o lenço branco que as mulheres paridas usavam para se proteger da friagem durante o resguardo.

Vovô abriu as portas de nossa casa e oferecia um copo de meladinha, também conhecida como “mijo do menino”, a todos que chegassem. Dizem que a meladinha feita por vovô era a mais deliciosa de todas. A receita, que ele recebeu do pai e passou para o filho e para meu irmão mais velho, obedecia a um ritual. Primeiro, a bebida só deveria ser preparada por homem. Segundo, tinha que ser feita com a cachaça de bumbo, a primeira recolhida direto do alambique, a chamada cachaça virgem. Mas o segredo estava na dosagem exata dos ingredientes colocados numa garrafa escura: canela em pau, cravo, favo de mel, cebolinha branca miúda, gengibre, um ramo de arruda e um alho macho. E tudo isso deveria ser preparado pelo menos um mês e meio antes de a mulher parir. Encher a garrafa, tampar com rolha virgem e deixar maturando, agitando de vez em quando para a mistura pegar gosto. Era de lamber os beiços. Já no primeiro gole, a língua ficava numa dormência gostosa. Dava até para arrancar dente que não se sentia dor, apregoava vovô.

Enquanto os amigos bebiam, eu passava de braço em braço. Minha tia me benzeu e me ofereceu como afilhada de

Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Vovó Grande me elevou no ar, em frente ao candeeiro, projetando nossa sombra na parede, e disse para todo mundo ouvir:

— Abençoada seja você por trazer esperança nesses dias de atribulações.

Vovô escutou a frase de Vovó Grande e no meu terceiro dia de vida, quando foi fazer meu registro, tarefa que lhe coube devido à ausência de papai, informou meu nome ao escrivão: Esperança. Por coincidência, tempos depois, um dos maiores sucessos tocados nas rádios e no alto-falante da nossa rua era a música “Serra da Boa Esperança”, na voz de Francisco Alves. Papai, que tocava violão e era fã do cantor, logo aprendeu a tirar as notas de ouvido. Quando me punha para dormir, cantava a “minha música”, e durante muitos anos eu acreditei que ele a fizera para mim.

As cantigas mais representativas do nosso cantor eu aprendi na calçada lá de casa, nos “ingênuos” saraus que papai organizava. Isso acontecia sempre que ele chegava de suas demoradas viagens e reunia os amigos. Não entendia por que, entre uma e outra melodia, cochichavam tanto pelos cantos e nos pediam para alertar sobre a presença do soldado de nome Cambito. Ele vivia rondando nossa casa e sempre aparecia de supetão. Ficava um tempo encostado na parede e depois ia embora sem dizer uma palavra.

Dessas noitadas participavam o vendedor e repentista Abdon (conhecido como Pai do Abecê) e seu filho mais velho, Apolo, além do marceneiro, seu Ari, batizado Aristodem (apelidado também de Pai do A-e-i-o-u). Eles se revezavam nas imitações de Francisco Alves, Sílvio Caldas e Dorival Caymmi, entre outros.

Cedo acompanhei as pendengas musicais entre Noel Rosa e Wilson Baptista e logo me apaixonei pelos compositores de “Lenço no pescoço”, “Rapaz folgado”, “Mocinho da Vila” e “Palpite infeliz”, embora “Rosa” e “Carinhoso”, de Pixinguinha, enchessem meu coração de ternura.

De Luiz Gonzaga, então, nem se fala. Decorei todas as músicas, mas confesso que morria de medo quando aquele

homem baixinho se apresentava vestido como cangaceiro. Minha tia me arrastava para a praça toda vez que ele ia cantar na cidade. Sua chegada ao palanque era precedida de muita confusão, muitos homens gritando, abrindo caminho para a celebridade, colocando até corda para isolar os fãs que tentavam tocá-lo.

Por causa do som forte do zabumba, eu acreditava que ele era Lampião disfarçado, pois sempre ouvia dizer que era assim que o cangaceiro surgia numa cidade: provocando grande rebuliço. Para reforçar a semelhança entre o cantador e o bandoleiro, eram ambos cegos de um olho. Mas o poder dos versos do Rei do Baião era tão magnetizante que, mal ele começava a cantar, eu esquecia tudo e o acompanhava, pois sabia de cor suas músicas.

Outra voz muito presente lá em casa era a da intérprete de “Errei, sim”. Ela era como uma parenta nossa, uma prima muito próxima, tal a frequência com que pronunciávamos seu nome: Dalva de Oliveira. Quando sua família se desestruturou, as mágoas do casal foram partilhadas lá em casa. Nas serestas, mamãe, que se destacava pelo timbre de voz agudíssimo, emocionava minha tia, fã de Dalva de Oliveira, com as imitações que fazia da cantora.

Seu Ari, exímio no pandeiro, Abdon e o filho Apolo acompanhavam papai, intérprete dos ressentimentos de Herivelto Martins. As músicas “Transformação”, “Teu exemplo”, “Calúnia”, “Tudo acabado entre nós” e “Fim de comédia” praticamente carimbaram minha vida. À medida que eu crescia, ia compreendendo o significado dos versos dos dois cantores, cujas vidas eram expostas em frases magoadas, irônicas e muitas vezes cruéis.

E eu, embalada por composições tão lindas, cantava para uma menininha a quem só conhecia pela fotografia encaixada no espelho da penteadeira. Segundo me explicaram, ela nascera no mesmo dia que eu, mas sem nenhuma música, longe, numa cadeia, afastada dos parentes e amigos. Quando alcancei a idade da razão infantil, não tive dúvidas: troquei de mal para sempre com Getúlio.

Não bastasse isso, já no meu terceiro dia de vida, sofri o primeiro susto. Três soldados invadiram nossa casa, comandados pelo tal Cambito. Armados, aproveitando-se da ausência de vovô, que havia saído para me registrar, os covardes obrigaram mamãe a se levantar da cama comigo no colo.

Insensíveis aos pedidos das mulheres e aos choros das crianças, reviraram toda a casa. Esvaziaram a penteadeira e o camiseiro, rasgaram o colchão da cama e, na cozinha, espatlharam no chão a farinha, o café e o arroz. Quebraram tudo. Só deixaram intactos os quadros da Sagrada Família e da Santa Ceia pendurados na parede da sala, diante dos quais se benzeram. Cambito já estava na porta da rua quando decidiu voltar. Parou diante do quadro da Sagrada Família por alguns instantes e, intrigado, aproximou-se da parede.

Como uma louca, mamãe, comigo no colo, partiu para cima dele e começou a distribuir socos nas costas do intruso, no peito, na cabeça, onde seu desespero alcançava, na tentativa de proteger a reprodução da cena sagrada. O homem a ignorou e, com um simples toque, ajeitou o quadro, alegando que a armação estava torta. Depois saiu mangando do excesso de zelo de mamãe. Mal o soldado deu as costas, duas fotos comprometedoras caíram de trás do quadro. Vovó Grande correu para passar a tramela na porta. Meses depois, a foto da tal menininha com os cabelos presos por um laço de fita se juntou a esses dois retratos.

A visita dos soldados fez mamãe quebrar o resguardo e cair doente. Assim que vovô retornou, achou melhor distribuir nossa família entre as casas dos amigos até tomar ciência da situação e consertar os estragos. Uma amiga de infância de mamãe, rica, que minutos após os soldados saírem chegara de carro com o marido para visitá-la, ofereceu sua mansão para nos hospedar, onde passamos dez dias.

O que aconteceu lá, durante esse tempo em que fomos isoladas da família, nunca se soube. Mamãe trancou-se num mutismo e jamais fez qualquer referência a esse período. Quando alguém perguntava, ela desconversava. Só sei, por ouvir dizer, que voltou mais magra, muito triste, com os

olhos vermelhos e inchados de tanto chorar. O leite secara, mas eu estava gorduchinha, com um enxoval novo e muitas roupinhas delicadas e caras. No dia do nosso retorno, mamãe, causando estranheza à família, comunicou muito séria a decisão tomada: em agradecimento à acolhida da amiga, havia convidado o casal para me batizar, desfazendo o acordo que fizera com papai de me oferecer como afilhada ao maestro Genaro e sua mulher.